

OPÚSCULO 3

— Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura —

Godofredo Pereira

DELÍRIOS DE PODER

GODOFREDO PEREIRA (Porto, 1979), arquitecto (FAUP, 2004), Mestrado AVATAR pela Bartlett School of Architecture (Londres, 2006). Co-fundador do colectivo artístico *Aculturavemagalope*. Vive e trabalha em Londres

OPÚSCULO 3 ★ DAFNE EDITORA, Porto, Março 2007 ★ EDIÇÃO André Tavares & Inês Guedes
DESIGN *Granja* ★ FOTOGRAFIA *Paulo Catrica* ★ ISSN 1646-5253 ★ D.L. 246357/06 ★ www.dafne.com.pt

DELÍRIOS DE PODER NA PRÁTICA ARQUITECTÓNICA

A inerente confrontação na arquitectura entre espaço e uso, e a inevitável disjunção dos dois termos, significa que a arquitectura é constantemente instável, constantemente no limiar da mudança. É paradoxal que três mil anos de teoria arquitectónica tenham tentado afirmar o preciso oposto: que arquitectura tem que ver com estabilidade, solidez e fundação. —Bernard Tschumi

O que a teoria quis não será necessariamente o que a obra foi. Identificando a natureza instável da arquitectura Tschumi rompe com séculos de tradição. Claro que ninguém lhe ligou. A arquitectura é ainda subestimada e é-o principalmente pelo arquitecto, agarrado à certeza do fundamento disciplinar. Neste contexto revela-se fulcral a noção de *poder*. Que *poder* é este que o arquitecto detém e de que modo é que se inscreve aquilo que se deseja inscrito?

Sabemos que na maioria dos casos a obra surge como um produto linear e final, expressão de encontros mais ou menos complexos que resultam numa edificação martelada à força como uma estaca na terra. O *poder* é algo que se tem (para criar ou mandar fazer) e que inscreve a imagem congelada de quem o detém num território vazio e sem força.

Ignora-se quase sempre a realidade temporal da arquitectura e o arquitecto—imaginando-se detentor de um qualquer poder de determinação e estruturação do futuro—projecta assim no tempo do segmento, homogéneo e extensivo, tempo esse que destituído do seu Ser se resume a uma colecção de retalhos do mundo, mais ou menos interligados.

(Suspeitamos que apesar de inscrito pelos mais variados ideais, o acontecer da arquitectura nunca se reconheceu por completo nos propósitos que o originaram. Mais que isso, sempre os complicou.) Mas recomeçemos.

ARQUITECTURA À LUZ DAS CRISTALIZAÇÕES DO PODER

Arquitectura e Cidade

As manobras de controlo manifestam-se na *polis*, nesse espaço do evento, do acontecimento da sociedade. A Arquitectura rege-se por dinâmicas de poder que tomam forma no predomínio de binómios: público \ privado; dentro \ fora; cheio \ vazio; cidade \ campo; e o principal—norma \ excepção. A excepção comanda a vida, define o mapa do turista, a cidade de turistas, a cidade excepcionalmente definida pelo que lhe foi instituído. O mapa contemporâneo é um mapa de ícones e estradas, temas e ligações. Sem tempos para percursos perdidos, tortos e inúteis.

Cidade feita de fachadas—arquitectura como *representação*.

Partindo do pólo religioso temos a cidade medieval, produto mais ditado pela circunstância que pelo sistema, resultado do seguimento inocente de cartilhas várias, dispersas e abertas—heurísticas de desenho, processo e material. Mesmo assim, dominada na sua génese pelo Mercado (Ágora) e pela Igreja (Templo), manifestações da divindade nos territórios da imperfeição.

No pólo rigoroso a cidade Moderna—obra de urbanista, produto da necessidade de controlo (já que se não há Deus que valha ao homem tem de ser ele a valer-se a si mesmo), patamar supremo desse incompleto niilismo ocidental. Localizada, separada, limitada, *planeada*.

Organização espacial

Organização do território resumida ao seu plano político—o fogo no centro da casa (família tradicional), tornado lareira na sala de jantar e o aparecimento da biblioteca (família burguesa); eixos de composição (na arquitectura eclesiástica a progressão cruz \ círculo \ elipse no jogo de poder entre deus e o homem: direcionada \ centrada). O absoluto

da retícula a-significante e os seus pequenos jogos. Sistemas estáticos e sistemas dinâmicos. Hierarquias e conexões. Inclusões e exclusões. Produto social, comunitário ou individual.

Utilitarismo existencial

Arquitectura localizada, no jogo de opostos programa *vs* ocupação (o acto primordial é a marcação do território ou a ocupação da caverna?). Previsão do funcionamento humano—indivíduo como peça de uma engrenagem colectiva—quantificação e medição do existir. À sombra dos seus poderes ilusórios o arquitecto define através da arquitectura aquilo que o homem *faz enquanto é*.

Tábua de engomar

Arquitectura não corpórea. O corpo é a mácula, impuro. O poder manifesta-se na arquitectura enquanto *aparição*. O Milagre de Fátima trata-se da aparição de Nossa Senhora enquanto templo. O mesmo milagre repete-se vezes sem conta na obra moderna. Arquitecturas ópticas sem espaço para a conspurcação corpórea. Escala do construído—dimensão monumental—acima das capacidades individuais e por vezes humanas. Dimensão funcional—limitada ao que o homem sabe sobre si mesmo. Obra do Estado, do Capital, da Ideia e de Deus. Matéria fria, agreste, apresentada à luz de ideais e construções da razão. Renega a carne que a ocupa. Arquitectura correcta.



— *Quinta Grande, Madeira* —

Paulo Catrica, Novembro 2002, LightJet print, 120 x 95 cm. Série Paisagem.

Primeiro diagrama

Seguramente grande porção da arquitectura foi e será determinada pela sua dimensão politizante—espaço de instituição. Essa dimensão, contudo, não lhe esgota a sua riqueza criativa nem as razões de ser do seu existir. Não habitamos em territórios precisos mas num contínuo reposicionar e reequacionar de relações entre tempos e percursos, constituindo assim universos de significação. Será portanto à luz da natureza processual da criação arquitectónica (produção de produções) que a sua potencialidade enquanto território se deverá analisar.

QUEM DETÉM O PODER?

Na prática arquitectónica

O arquitecto sonha texturado. A transpiração é táctil e Albert Speer desenhava casas de banho. O poder institucional é em geral reduzido à simbologia e por isso pode-se andar com ele ao pescoço. Em geral também enferruja. Se for escavado haverá quem cedo lhe descubra o nome. Medidas do corpo—O arquitecto faz suor no confronto com a métrica dos pilares. Até o Estilo Internacional foi regionalizado. *O poder que depende do símbolo torna-se peça arqueológica.*

Implicação fenomenológica

Redesenho do mapa do Porto: sem Clérigos, nem Câmara, nem Sé. Contudo a cidade permanece a mesma, nos seus edifícios de letra minúscula. Retiremos as maiúsculas da cidade. A cidade vivida nos corpos não aparece em roteiros. *A architectura incógnita sobrevive na pele.*

Na construção

A maleabilidade da fórmula, ou a sua incompetência. Subversões, encontros, miscenizações. Ignorância, mudanças tecnológicas, novos aparatos organizacionais—o choque com a terra. Intervenções no espaço construído, interacções de forças.

A architectura colonial: território de cruzamentos e renascimentos, sonhos ficções e falhanços. O poder instituído *dilui-se* na implementação. O encontro com a realidade obriga a tecer novos conceitos.

Tempo

Reocupação, desuso, transformação—novas funções, novas simbologias—subversão dos tentáculos do arquitecto que quase sempre vê a sua obra como objecto acabado, não percebendo que acabou de construir como palco o *teatro da morte*. Duração.

Berlim, *Palast Der Republik*: o paradigma da inscrição ideológica, manifesto na demolição do castelo e a sua substituição por um Centro de Conferências—*perante o inimigo*.

Cartografia de um lugar: *Simbolismo*—O Palácio da República nos estandartes da guerra-fria. *Subversão*—Tentadas reocupações na forma de labirinto lúdico. *Magnífico Falhanço*—A proposta demolição para reconstrução *da fachada do castelo*.

(Apagadas as memórias do império vermelho no coração da nova e liberal Alemanha).



— s/ título, Londres —

Paulo Catrica, Maio 2006 [work in progress].

Segundo diagrama

As tentativas de estruturação do poder vêm na arquitectura um instrumento cristizador do tempo no espaço, uma edificação do agora. Felizmente a arquitectura não depende de processos de resistência mais ou menos irregulares para recusar ser porta-estandarte. Se nos dizem—num pragmatismo que só o é à superfície—que a realidade é objectiva, que é assim que a arquitectura deve ser, uma marcação, devemos retorquir que a realidade só é objectivável na medida em que—enquanto sujeitos—nos colocamos perante ela, ou seja, de fora dela. Desta forma, o poder que se institui (que se objectifica) deixa de ser força. Torna-se apenas num mero registo. O edifício não é um objecto, é sim um acontecer, um permanente jogo de forças que corrompe qualquer noção estável de poder.

ARQUITECTURA COMO POTÊNCIA E O SONHO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO

Dir-se-ia que a luta contra o caos não se passa sem afinidade com o inimigo, porque uma outra luta se desenvolve e ganha mais importância, contra a opinião que pretendia, no entanto, proteger-nos do próprio caos. —Gilles Deleuze

O espaço é ritual. O corpo-metáfora é a ferramenta de trabalho da arquitectura. O desenvolvimento de dispositivos de catarse e desterritorialização surge, na afirmação de uma arquitectura em potência, como ponte para a criação de outros territórios de significação: não tanto uma arquitectura que se torna esquizofrénica mas a esquizofrenia do real que se manifesta na arquitectura. Mas claro, a arquitectura não é o edifício... Se a obra de *Lebbeus Woods* tem como projecto fazer surgir situações e acontecimentos, é porque é uma obra dançante, que desperta e potencia a

acção dos corpos e dos espaços da arquitectura. Complicados.

Impondo um desdobrar das potencialidades arquitectónicas, desenha-se sobre o palco do estar-a-ser as *linhas de inflexão*. Não são simplesmente as linhas contidas na prega ou no labirinto, no desenrolar do fio de Adrienne. São as linhas de um percorrer, que na pujança das suas torções e inflexões trazem à luz, em devir, a intensidade do acontecer da arquitectura. Evitando as estratificações do poder (formações gananciosas que lhe retiram a força) a inflexão remete para o verdadeiro tempo da arquitectura. Um tempo que é espaço (pois ele está na matéria que lhe dá sentido) mas que permanece invisível a qualquer espacialização ou segmentação. Heterogéneo mas contínuo, o verdadeiro tempo da arquitectura não é nem medida nem subjectividade. É força.

(Linha traçada pela Arte por entre os limites que separam caos e cosmos, afirmação de multiplicidades e produtora de novas ficções. Não protege—*rompe*.)



— *Entre a calheta e o Paul da Serra, Madeira* —

Paulo Catrica, Julho 2005, Lightjet print, 120 x 95 cm. Série Paisagem.

Terceiro diagrama

Feita dessa terra que não é nem só ideia nem só desenho, a obra arquitectónica surge numa dimensão poética, num acariciar rugoso, dinâmico e imprevisto, entre espaços e corpos. Não existe sem esse encontro (que afinal é um permanente reencontro). Não necessita de espectadores (não é um espectáculo) mas não se limita na dimensão óptica do artista. Resiste à interpretação, pois não se apresenta como objecto acabado.

Território do acontecer, arquitectura é vida.

OPÚSCULOS é uma colecção de pequenas obras de autores portugueses onde se dão a conhecer diferentes perspectivas contemporâneas sobre a arquitectura, a sua prática e teorias e o que se pensa e debate em Portugal. Estas pequenas construções literárias sobre arquitectura estão disponíveis em www.dafne.com.pt .